

Poesia Felipe Camarão ou Vietcong*

LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA**

felipe camarão	soldado
henrique dias	ao
negros e índios	sol
armas na mão	dado
bom dia	
soa o clarim de oprimidos e depois do	sol
olvido	dado
com guerrilheiros retornais e sois	ao
e vos chamam vietcongs	soldado
felipe camarão	sol
henrique dias	solda
guerrilheiros saudamos os que ainda	soldado
não chegaram	
os que virão ao fim da	(morto)
madrugada rompendo as enxovias	
o século no século não finda	ossos e
quem lutou lutará	ferros
índio poti as	soldados
vitórias mortas tu reviverias	
de porto calvo até tomar olinda	edifícios acendem na floresta
 	bazucas e metralhas dobram som de
povo no tempo povo continua	folhas secas e gritos mortos
saudamos guararapes	onde
dien biem phu	somente o fogo na paisagem resta
aqueles que reproduzem glória e feito	atrás dos ninhos (da guerita ou fronde)
 	frutos e corpos pecos
vietcong ou camarão ressurge lá das	a fome
batalhas a empunhar fuzil e espadas	está
fio do horizonte atravessando o peito	fome incendiada de árvore que pés
	talaram nos campos e a fumaça esconde

* São Paulo, setembro/outubro de 1966, Poesia.



** **LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA** é Doutor em Ciência Política, professor titular (aposentado) de História da Política Exterior do Brasil na Universidade de Brasília e autor de várias obras sobre as relações dos EUA com o Brasil e os demais países da América Latina, entre os quais O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil - 1961-1964 e De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina.



hanoi
haifong
o fogo brota e vence o
céu
a dor dos inocentes abortados
e bocas dessangrando no silêncio
travo e pólvora
o povo viverá dos
escombros
e resiste e luta e tem-se o
ódio no peito e a fé dos revoltados
homens feitos de pedra e noite com
bravura lutam feridos e se estanque
o sangue
erguem canhões
abafam som bramidos de corpos a
tombar
manhã que
louco fuzil metralha sangra e assombra
lagartas contra músculos no arranque
de carnes e motores
mortos sem sombra
cravam braços e presas contra tanque

pontes e gritos saltam
fétido ar de
gases e vômitos granadas
há tocaias de estrelas espreitando a tarde

povo selva amanhã enfrentam lato
bombardeio
vermelho horizonte arde
e guerrilheiro morde aviões a jato

aves de arribação pousam na rama
das ossadas
caatingas onde pouco
tempo resta ao que busca chuvas ou
comida
rio morto
racha em pedra a lama

fogo sem chama a crepitar queimou
colheitas e o nordestino sofre a clama
contra o deserto e espera que a manhã
madrugue na enxada canta
um eco rouco

de galos em combate
sangue ao sol talhado
jagunço ou cangaceiro que se a-
pronta a gritar o tiro da revolta
banido e escorraçado
a fome vence-a
na foice do horizonte
e enxota e solta
bois que ruminam dentro da consciência.